



A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO PARA EMPODERAMENTO DAS JUVENTUDES NO NÚCLEO AFRO ODOMODÊ¹

Pamela Tavares Monteiro¹

Ivan Marcelo Gomes²

Resumo

Esta investigação destaca o Núcleo Afro Odomodê, equipamento público voltado às juventudes afrodescendentes, pertencente a Prefeitura Municipal de Vitória, no Espírito Santo. Concentrado na promoção da valorização da cultura e empoderamento negro juvenil, o Odomodê oferta ações afrorreferenciadas para o ensino das relações étnico-raciais, como grupo de estudos, oficinas, cursos, eventos; tendo como princípio, o Plano Municipal de Juventudes, o Estatuto da Juventude Lei nº 12.852/2013 e o Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288/2010. O objetivo desta investigação se concentrou em compreender como a cultura corporal de movimento relacionada com as culturas afros trabalhadas no Odomodê interferem no cotidiano destas juventudes. Metodologicamente, adotou um Estudo interpretativo, qualitativo com ferramentas de observação participante e trabalho de campo, com uso do diário de campo, além de entrevista semiestruturada. Este trabalho destaca a dimensão cognitiva do processo de empoderamento negro.

Palavras-chave: Corpo negro; estética Afro-diaspórica; empoderamento negro; políticas públicas; juventudes.

THE CONTRIBUTION OF BODY CULTURE OF MOVEMENT FOR THE EMPOWERMENT OF YOUTH IN THE NÚCLEO AFRO ODOMODÊ

Abstract

This research highlights the Núcleo Afro Odomodê, a public facility for Afro-Brazilian youth belonging to the Municipal Prefecture of Vitória, Espírito Santo State. Focused on promoting the appreciation of black youth culture and empowerment, Odomodê offers afroreferenced actions for the teaching of ethnic-racial relations, such as study groups, workshops, courses, events; having as a principle, the Municipal Youth Plan, the Youth Statute Law No. 12.852/2013 and the Racial Equality Statute, Law No. 12.288/2010. The objective of this research focused on understanding how the body culture of movement related to the Afro cultures worked in Odomodê interfere in the daily lives of these youths. Methodologically, we adopted an interpretative, qualitative study with tools of participant observation and fieldwork, using a field diary, and semi-structured interviews. In this paper we will discuss the cognitive dimension of the Black empowerment process.

Keywords: Black body; afro-diasporic Aesthetics; black Empowerment; public Policies; youth.

Artigo recebido em: 31/10/2022 Aprovado em: 31/03/2023

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v27n1.2023.18>

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: pamelamont@hotmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: ivanmgomes@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir a dimensão cognitiva do processo de empoderamento negro encarada pelas juventudes afro-brasileiras atendidas no Núcleo Afro Odomodê. Tal dimensão foi encontrada no processo de análises da investigação de mestrado nomeada “O corpo afro-brasileiro e suas re-existências políticas: as estéticas afrodiaspóricas das juventudes no Núcleo Afro Odomodê” que visou compreender como os corpos das juventudes afro-brasileiras se relacionam com as culturas afros relacionadas com a cultura corporal de movimento oferecidas no equipamento público nomeado Núcleo Afro Odomodê.

O objeto de pesquisa em questão se relacionou intimamente com as movimentações auto-organizadas das populações afro-brasileiras ao longo da história, bem como as articulações destas com os demais movimentos negros do continente africano e de demais localidades afro diaspóricas. Tais articulações geraram, no fim da década de 90, um movimento negro de perfil cultural inovador, o qual discute e tensiona novas formas de denúncias antirracistas através das artes e culturas, também auxiliando no avanço das reivindicações - realizadas em períodos anteriores - para a implantação de políticas públicas específicas para as populações afro-brasileiras (DOMINGUES, 2007).

Neste contexto, uma destas políticas reivindicadas é a criação do equipamento de juventudes Núcleo Afro Odomodê, no ano de 2005, que tem como objetivo geral estimular, sensibilizar e mobilizar as juventudes afro-brasileiras para as equidades sociorraciais e para a luta contra os preconceitos, violências e demais exclusões sociais. Este, atualmente, está subordinado à Coordenação de Políticas dos Direitos das Juventudes, vinculada à Gerência de Políticas de Cidadania e Direitos Humanos pertencente à Secretaria de Cidadania, Direitos Humanos e do Trabalho (SEMCID), da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), onde se respalda através do Plano Municipal de Juventudes, Estatuto da Juventude (Lei 12.852/13) e do Estatuto da Igualdade Racial (Lei de nº 12.288/10).

O Odomodê é compreendido como sendo uma conquista das reivindicações realizadas pelos movimentos auto-organizados, demarcando-se como uma continuidade da preocupação histórica para/com as violências nas quais as juventudes afro-brasileiras estão imersas (CERQUEIRA, LIMA E BUENO, et al., 2021, p.47). Sendo assim, o Odomodê é interpretado como um espaço onde as juventudes afro-brasileiras podem aspirar novos espaços e novas perspectivas para suas vidas.

Como nos afirma Gustavo Forde (2016) e Silvio Almeida (2018), desde o início da ocupação portuguesa no território brasileiro, o fenômeno do racismo se estabeleceu, de forma

A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO PARA EMPODERAMENTO DAS JUVENTUDES NO NÚCLEO AFRO ODOMODÉ

estrutural², fazendo com que este fosse elemento inerente à colonização e, posteriormente, incutido na criação da nação brasileira.

Desta forma, neste trabalho compreendemos que nas políticas brasileiras e suas demais estruturas há a influência da chamada colonialidade. Esta, compreendida como "constitutiva da modernidade, e não derivativa" (MIGNOLO, 2005, p. 75 *apud* OLIVEIRA; CANDAU, 2013, p. 247). Ou seja, o colonialismo se difere da colonialidade pois enquanto ele se manifesta politicamente de forma institucional, ela decorre do primeiro, abrangendo as relações, produções e formas de conhecimentos (OLIVEIRA; CANDAU, 2013, p.248).

Neste sentido, a colonialidade se expandiu a ponto de ter se mantido viva mesmo após o fim contratual do colonialismo tradicional; assim, por mais que o pós colonial fosse compreendido após a independência de países africanos, as subjetividades, perspectivas e relações coloniais se mantiveram (OLIVEIRA; CANDAU, 2013, p.249). A colonialidade gerou uma nova percepção do tempo no ocidente: "ou contemporânea, leva-me inexoravelmente de volta à construção temporal teleológica que o Ocidente europeu estabeleceu no Ocidente geográfico conquistado e subjugado" (ACHINTE, 2013, p.407).

Assim, o tempo na colonialidade é entendido como se existisse um antes e um depois das culturas afros, como se estas estivessem sido paradas no tempo, o que prejudica suas reivindicações por direitos e pelas equidades raciais. Como resultado disso, as subjetividades dos povos colonizados não se atrelam aos "parados no tempo" e sim com os colonizadores, sinônimos de progresso e desenvolvimento. Tal efeito, foi chamado por Franz Fanon (2008) de "impossibilidade ontológica", na medida em que o outro se apropriou da sua representação, assumindo-a como sua própria rerepresentação (ACHINTE, 2013, p.408).

Assim, partimos da premissa de Michel Foucault (2005, p. 309) de que o racismo é uma importante tecnologia de controle e poder que se molda e transforma de acordo com os interesses do Estado, modificando as estruturas políticas, econômicas e educacionais, o que corrobora para a normalização de um ideal europeu de corpo para os brasileiros, ocasionando em negros e não-negros narrativas raciais diversas.

Tais narrativas mantidas sob óptica da colonialidade, advindas do racismo brasileiro, o qual possui formato estrutural, institucional e individual, faz transpassar aos corpos negros constantes dialéticas entre o mito da democracia racial e os discursos antirracistas sobre equidade de direitos dos movimentos negros organizados. Concordamos com Silvio Almeida (2018) quando este nos alerta sobre os perigos de se silenciar os racismos presentes nas estruturas brasileiras, o que pode ocasionar um aumento incalculável dos atos racistas existentes no interior das instituições, legislações e contratos sociais (ALMEIDA, 2018, p.154).

O racismo hierarquiza a população afro-brasileira construindo estereótipos negativos sobre suas crenças, religiões e cultura, desvalorizando seus símbolos culturais, em uma perspectiva inferiorizante, marcando significativamente a vida desta população, de modo que o racismo atue sobre a concepção que o sujeito afro-brasileiro possui de si e sobre o seu grupo.

No caso dos corpos afro-brasileiros, a influência da colonialidade desumanizou a população afro-brasileira com estigmas e estereótipos de corpos preguiçosos, violentos, criminosos, sem inteligência, biologicamente funcionais e suscetíveis aos trabalhos braçais, emergindo a concepção de corporeidade compreendida dentro da dialética ser/estar, uma vez que, esta enfatiza o corpo em movimento, atenta para a materialidade do corpo, a qual permite que os sujeitos vivenciem suas experiências. A corporeidade salienta o agir no mundo, se fazendo valer sob uma relação construída juntamente com outros corpos e com o mundo que o cerca (SILVA, 2015).

Gomes (2011) menciona que a corporeidade se vincula à expressão cultural, sobretudo quanto às diversas práticas corporais que contêm uma rede de significações. Neste caso, a corporeidade está ligada a uma construção de linguagens próprias, com signos e símbolos que permitem a comunicação de sua existência e de suas urgências no mundo (SAMPAIO, 2005).

Souza (2009) compreende a corporeidade na relação com o espaço, sendo que ele a define como a experiencição íntima do indivíduo, constituída ao passo que os corpos ocupam espaços e percorrem trajetórias espaciais ao longo de suas histórias. Segundo o autor, é a partir da corporeidade que o sujeito reconhece o seu corpo junto aos outros. As representações sociais sobre os corpos afro-brasileiros intermediadas pela lógica dominante, sob o olhar branco que os colocam na condição de inferiores, retiram toda a potência desses sujeitos como ativos (GOMES, 2011).

Ou seja, a corporeidade negra é significada em meio ao processo dialético da presença do racismo e as formas de resistência a ele, por isso se torna de demasiada importância que esses sujeitos circulem por espaços que apresentam lógicas capazes de romper com os estereótipos da identidade negra (LEOPOLDO; CAMPOS, 2019).

Neste sentido, o Odomodê se faz um importante equipamento para as políticas públicas educacionais em função das equidades raciais pois as juventudes afro-brasileiras sem um trabalho educativo para as relações étnico-raciais estão por aceitar a cultura e história de colonização sem conhecer os processos de resistência e re-existência gerados e criados pelos povos afros. Assim, um equipamento público de juventudes que permita denunciar os racismos presentes nas estruturas brasileiras é também auxiliar na compreensão de como o racismo se institucionaliza e se faz presente nos corpos afro-brasileiros.

A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO PARA EMPODERAMENTO DAS JUVENTUDES NO NÚCLEO AFRO ODOMODÊ

Desta forma, a cultura corporal de movimento é uma importante aliada para as ações e atividades que visem repensar e/ou ressignificar as colonialidades que limitam e inferiorizam os corpos das juventudes afro-brasileiras atendidas pelo Odomodê.

Neste processo de ressignificação, concordamos com as concepções de Betti (2001, p. 156) quando este define a cultura corporal de movimento como a “parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, no plano material e no simbólico” como o jogo, as brincadeiras, as práticas de aptidão física, as atividades rítmicas/expressivas e a dança, as lutas/artes marciais e as práticas alternativas, sendo a Educação Física a área de conhecimento e intervenção que lida com essa cultura mediante referenciais científicos, filosóficos e pedagógicos.

Por mais que tais concepções fossem pensadas para o ambiente escolar, estas são extremamente relevantes para pensarmos as políticas públicas que, por vezes, desconhecem e/ou desconsideram a relevância da formação ética e estética ao inserir as juventudes afro-brasileiras no âmbito da cultura corporal de movimento, de modo que elas vivenciem e transformem a diversidade de manifestações culturais relacionadas ao corpo construídas e reconstruídas ao longo de nossa história.

Para alcance de nosso objetivo, este estudo obteve como metodologia³ um estudo interpretativo, realizado por meio de observação participante (MARCONI; LAKATOS, 2011), entrevistando 13 dos atores políticos deste equipamento e acompanhando presencialmente 17 jovens com auxílio do diário de campo. Assim, esta pesquisa contou com a participação de 30 sujeitos de pesquisa, dentre eles as elaboradoras e coordenadoras das políticas das juventudes da PMV e do Odomodê, servidores públicos fiscais, assistentes sociais, educadores sociais do Odomodê e jovens atendidos pela política. Ademais, visando o anonimato dos participantes, estes foram identificados com nomes de países africanos no interior deste trabalho.

O trabalho de campo realizado nesta pesquisa teve cunho virtual e presencial onde as redes sociais foram importantes meios de continuidade desta política por conta da pandemia global. Nestes espaços, as juventudes afro-brasileiras do Odomodê expressaram suas perspectivas, opiniões e posicionamentos políticos permitindo que a pesquisadora se deixasse afetar por estas.

Assim, além do acompanhamento do grupo no período entre março de 2020 a março de 2022, também foram acessados os primeiros projetos de 2006 a 2012, bem como as prestações de conta do Núcleo Afro Odomodê dos anos de 2013 a 2021, onde estavam contidos os projetos anuais, relatórios anuais, relatos de jovens, materiais produzidos pelos jovens e fotos.

Após isto as atividades elencadas para observação do objeto foram: “Espaço de Convivência Odomodê”; oficinas de Danças (“Hip Hop”, “Danças Urbanas”, “Dance Hall Female”, “Dança afro”, “Samba no pé”, “Forró”), o “Sarau Empretesendo” e “Afromix”.

Deste trabalho de campo e dos documentos analisados identificamos um eixo analítico composto pelo processo de empoderamento negro que caracteriza o funcionamento do Núcleo Afro Odomodê para com as juventudes afro-brasileiras atendidas. Neste eixo, identificamos três categorias de análises inspiradas nas dimensões do processo de empoderamento negro (BERTH, 2019). Afinal,

O empoderamento consiste de quatro dimensões, cada uma igualmente importante, mas não suficiente por si própria, [...]. São elas a dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente)” (SARDENBERG *apud* BERTH, 2019, p. 32).

Tais categorias de análises visaram responder parcialmente o objetivo definido nesta pesquisa. Além do que, estas foram desenvolvidas considerando os elementos identificados no funcionamento do Odomodê, e nos proporcionaram a construção de uma lente interpretativa dos discursos tanto das juventudes quanto dos demais atores que constituem a política em questão, possibilitando compreender como as atividades relacionadas com a cultura corporal de movimento podem auxiliar no ensino e aderência das culturas afros e seus elementos para com as juventudes afro-brasileiras atendidas pelo Odomodê.

Para este trabalho, focaremos na primeira categoria de análise visando discutir o modelo educacional e o impacto do ensino das relações étnico-raciais para estas juventudes em questão, a qual foi denominada de “Dimensão Cognitiva: o contato com os elementos afro-diaspóricos” se voltou para a dimensão pedagógica trabalhada no Odomodê através das formações antirracistas ofertadas, onde são apresentados os elementos das lutas, estéticas e ações dos movimentos negros auto-organizados que exemplificam para as juventudes as identidades negras e práticas antirracistas.

2 DIMENSÃO COGNITIVA: os elementos afro-diaspóricos na construção das identidades étnico-raciais

A dimensão cognitiva se dá através da educação antirracista trabalhada no Odomodê, interpretada por nós, sob o formato de uma pedagogia decolonial. Tal educação trabalhada no Núcleo foi abordada aqui levando em consideração: os conteúdos étnico-raciais que foram mais recorrentes; o modelo de formação apresentado à equipe e às juventudes afro-brasileiras; as perspectivas dos e das jovens em relação aos momentos formativos; como a formação antirracista se faz importante na vida das juventudes afro-brasileiras atendidas por esta política.

Inicialmente, destacamos que a forma como o Odomodê pedagogiza o ensino para as relações étnico-raciais está em consonância com o que compreendemos como sendo as pedagogias decoloniais. Tal argumentação se funda nas ações realizadas no Núcleo que, no período estudado,

A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO PARA EMPODERAMENTO DAS JUVENTUDES NO NÚCLEO AFRO ODOMODÊ

visaram fundamentalmente romper com os estereótipos raciais brasileiros inspirados nas teorias das raças e nas demais lógicas eurocêntricas, que têm, em suas estruturas estigmas e estereótipos que criminalizam e culpabilizam os corpos afro-brasileiros pelos problemas raciais, sociais e econômicos do país.

O Odomodê frisou, em suas intervenções, as diversidades, as brechas e as possibilidades de transformações sociais e econômicas, mesmo que em seus formatos micros. Afinal, o rompimento com a lógica das previsões e certezas é também um modo de decolonizar os saberes e nossa própria subjetividade (ACHINTE, 2013, p. 414).

Desta forma, sabendo que as pedagogias decoloniais valorizam as incertezas, o não conhecer e as experiências não experimentadas pelos medos instaurados, compreendemos que, por mais que não seja citada/conhecida pela equipe, a lógica decolonial se faz presente no cotidiano do Núcleo, em especial no incentivo ao processo criativo observado nas oficinas de danças que denunciam as violências sofridas pelas juventudes afro-brasileiras, uma vez que compreendemos que a colonialidade nos limitou, estereotipou e privou de experimentarmos e criarmos quando nos impôs suas regras, representações, normatividades e consequências de não as seguir (ACHINTE, 2013, p. 414).

Outro fator que nos faz associar a formação antirracista trabalhada no Odomodê com as pedagogias decoloniais é a preocupação com a visibilidade dos povos originários das américas e a diáspora africana, valorizando suas artes, histórias, memórias, estéticas e saberes. Além disso, tal preocupação é uma forma de tensionar as narrativas de marginalização e subalternização desses grupos oprimidos (ACHINTE, 2013, p. 415), sobretudo das juventudes afro-brasileiras.

Inclusive, estes elementos são retratados no relatório anual de 2020, que afirma que:

Temas como a representação do negro nos livros didáticos, o silêncio sobre a questão racial na escola e na sociedade, a educação de mulheres negras, relações raciais, entre outros, começam a ser incorporados na produção teórica educacional. Porém, apesar desses avanços, ainda nos falta equacionar alguns aspectos e compreender as muitas nuances que envolvem a questão racial, destacando os mitos, as representações e os valores, em suma, as formas simbólicas por meio das quais homens e mulheres, crianças, jovens e adultos negros constroem a sua identidade (VITÓRIA; BEM BRASIL, 2020).

Assim, a ênfase formativa existente no Núcleo se apresentou tanto nos documentos quanto nos depoimentos coletados virtualmente, presencialmente e por meio das entrevistas. O intuito maior é que sejam expostos ao máximo as criações, artes, obras, trabalhos e feitos pelas populações afros através da valorização de suas ações, estratégias criativas de combater o racismo, e formas de compreender o mundo e a sociedade em que vivemos. Tal trabalho é desempenhado, principalmente, durante o contato direto entre os educadores sociais,icineiros e juventudes.

Como nos afirmou Gonzalez (2020, p. 132), a cultura é a melhor forma de resistência no Brasil, pois, além das sobrevivências na colonização, há o que a autora denominou como “resistência cultural” (GONZALEZ, 2020, p. 138). Ou seja, as recriações e invenções feitas pelos afro-brasileiros, a exemplo o Odomodê, que se faz relevante por produzir uma rede de significações em torno da população negra, permitindo que os sujeitos se apropriem e ressignifiquem suas corporeidades, de modo que consigam reconstruir a imagem que possuem de si mesmos e/ou do seu grupo (SILVA, 2015).

A idealização do padrão estético branco gera profundas marcas nas pessoas negras, que podem apresentar uma constante insatisfação com sua imagem devido aos sinais diacríticos que identificam seu grupo social, assim como o sentimento de rejeição, quadro que contribui para uma baixa autoestima (GOMES, 2002). Em contrapartida, a valorização do corpo negro, bem como de suas práticas, representa uma ruptura, ao se mostrar como resistência perante a hegemonia racial branca (SILVA, 2015).

Assim, o papel do Odomodê se torna o de um local em que o empoderamento negro é ensinado pedagogicamente, pois, como nos afirma Berth (2019),

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (BERTH, 2019, p. 18).

Pareceu-nos que a diversidade de elementos afro é central para um trabalho que vise à construção de uma identidade étnico-racial. Na opinião dos jovens, o Odomodê é um dos poucos locais onde se trabalha de forma pedagogizada o ensino das relações étnico-raciais de forma prática. Segundo a jovem Benin, em relação às discussões raciais no Odomodê:

Eu acho que são muito importantes porque são coisas que a gente não discute, por exemplo, na Escola, são temas que não são abordados, apesar de que se deveria né, mas não são. [...] A gente aprende muita coisa, a gente aprende sobre nossa história, a gente aprende sobre nossa cultura, coisas que a gente não tem em outro lugar, é só lá [...] (BENIN, Jovem afro-brasileira do Núcleo Afro Odomodê).

Tal fala nos remete às considerações de Gomes (2003), quando a autora ressalta que trabalhar com as culturas afros implica reconhecer a consciência cultural de um grupo, o que contribui para entender como as juventudes afro-brasileiras vivenciam suas negritudes no cotidiano. Gomes

A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO PARA EMPODERAMENTO DAS JUVENTUDES NO NÚCLEO AFRO ODOMODÊ

(2003) evidencia que é através da educação, embora não somente por meio dela, que se aprendem as técnicas corporais de cada cultura, pois é nesse processo que os sujeitos trabalham seus corpos.

Desta forma, o trabalho formativo realizado pelo Núcleo pode enfatizar a riqueza da cultura negra presente no corpo e favorecer a sua compreensão como alegoria de beleza e não de inferioridade. As práticas pedagógicas que visam combater o racismo e as discriminações têm como objetivo estruturar uma reeducação das relações étnico-raciais para o fortalecimento da identidade da população negra e o despertar de uma conscientização da população não negra.

De acordo com a maioria dos entrevistados, as atividades de danças urbanas e afro e a Capoeira são as atividades utilizadas para a abordagem das discussões sobre as expressões dos corpos negros e da corporeidade negra, além de teatro, maquiagem, penteado afro, Racismo no Esporte, com futebol periférico, dentre outras.

De fato, identificamos uma relação direta entre essas atividades e as contribuições da cultura corporal de movimento, inclusive quanto ao papel dos educadores para com essa, sendo que concordamos com Daolio (2004), que afirma que o educador pode se utilizar de elementos da cultura visando a novas experiências motoras, bem como no âmbito das formações humanas. Para ele, o professor não atua sobre o corpo do seu aluno ou mesmo com o movimento em si, mas atua com o ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento, abrangendo os conteúdos historicamente definidos: jogo, esporte, dança, luta, ginástica.

Visto isso, as juventudes afro-brasileiras no Odomodê, ao experimentarem um amplo repertório de vivências, sobretudo no campo das danças afro, com variadas oportunidades motoras, são oportunizadas a explorar a cultura corporal e uma série de relações com os outros e os espaços, ressignificando novos saberes, estéticas e expressões, em especial nas relações com os símbolos, signos e alegorias das culturas afro.

Desta forma, o movimento corporal em questão, trabalhado nas oficinas, pode se valer das interações entre os próprios jovens, dos demais membros da equipe, bem como de novos utensílios, tecidos, pinturas, espaços, etc.

Como observado nas oficinas, identificamos abordagens relacionando a cultura corporal de movimento com discussões sobre eventos e momentos de luta histórica em que existiram tensionamentos raciais. Os principais conteúdos trabalhados no Odomodê, no interior das atividades observadas, foram: Djamilia Ribeiro, com seu livro “O pequeno Manual Antirracista”; o processo de colorismo no Brasil; a música “O meu guri”, de Chico Buarque, e interpretada por Elza Soares; e a música “Eu sou favela”, de Cesar MC.

Durante o acompanhamento das oficinas e das documentações oriundas das mesmas, foi identificado que, por mais que as juventudes se vejam contempladas, de modo geral, pelas ações e

discussões oferecidas pelo Núcleo, não foram mencionadas formações específicas para o ensino das relações étnico-raciais para a equipe do Núcleo Afro Odomodê que atua diretamente com as juventudes, existindo somente formações gerais para o melhor atendimento e encaminhamento dos serviços públicos ofertados pela SEMCID, em conjunto com todos os outros serviços, coordenações, setores e equipamentos pertencentes à Secretaria.

Desta forma, foi possível perceber que a formação antirracista presente no Núcleo é acordada pela percepção dos coordenadores, orientadores sociais e jovens. Ou seja, os educadores sociais pedagogizam os conteúdos raciais para as juventudes afro-brasileiras, sem, muitas vezes, possuírem formações específicas para isso, permitindo discursos e intervenções sem embasamento teórico, além de gerarem angústia e insegurança em relação a quais conteúdos devem ser ofertados para as juventudes. Como identificado no Diário de Campo, em setembro de 2021:

Durante a reunião de planejamento às 14 horas, observei que os orientadores sociais propõem atividades com temas não conhecidos por todos, enquanto um dos orientadores desejava ofertar mais atividades de discussão sobre violências raciais o outro se concentrava em oferecer oficinas de penteado afro. Durante a discussão pude observar um desconforto em relação a falta de formação para o ensino das relações étnico-raciais de um orientador social em relação ao outro. Ao questionar sobre como funcionavam as formações para a equipe, a Assistente técnica me informou que toda primeira segunda-feira do mês eles escolhem um texto e debatem sobre ele, eles próprios, sem convidados ou mediadores externos (DIÁRIO DE CAMPO, 13 de setembro de 2021).

Compreendemos aqui que essas problemáticas ultrapassam os muros do Núcleo Afro Odomodê, pois, devido ao racismo estrutural no Brasil, as estruturas e instituições brasileiras, sobretudo as públicas, têm, ao longo dos anos, resistido em discutir o fenômeno do racismo brasileiro (TELLES, 2003; GUIMARÃES, 2009).

Sendo assim, consideramos que, por mais que o Odomodê seja uma política pública pioneira, em se tratando de uma educação não-formal, sem vínculos com o sistema escolar, é necessário que os responsáveis por essa política considerem alguns fatores primordiais para uma cultura educacional, como: formação para todos os atores que compõem a política do Núcleo Afro Odomodê; elaboração de uma sistematização de conteúdos a serem ofertados anual, semestral e semanalmente; elaboração de planos de intervenções conjuntas; e sistematização para a avaliação das ações e/ou oficinas ofertadas.

Afinal, o Núcleo Afro Odomodê é uma política pública educacional para as juventudes afro-brasileiras abordando questões étnico-raciais, em que se faz necessária a estruturação de uma rede para que os atores envolvidos no processo se sintam valorizados e apoiados; além de uma reeducação das relações étnico-raciais, juntamente com um movimento de articulação entre os diversos setores da sociedade, tendo em vista que as mudanças culturais, éticas, pedagógicas e

A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO PARA EMPODERAMENTO DAS JUVENTUDES NO NÚCLEO AFRO ODOMODÊ

políticas ultrapassam a esfera das instituições públicas, especialmente em relação a políticas públicas educacionais para as juventudes afro-brasileiras que se utilizam do campo da cultura corporal de movimento como o Odomodê.

Isso tornaria mais potente a promoção de ações culturais, sociais e políticas para que as juventudes afro-brasileiras adquiram autonomia, tendo a possibilidade de serem agentes críticos e transformadores de sua realidade. Os planejamentos realizados pela primeira equipe, de acordo com Malawi, visam à participação das juventudes afro-brasileiras atendidas. Segundo ele:

O planejamento das oficinas, a oferta das oficinas e o tipo das oficinas [...] quando a gente trazia esse jovem para o circuito a gente fazia questão de escutar deles a todo tempo. [...] Olha nós temos isso a oferecer e a partir disso, o que você gostaria que fosse construído? Então essas nossas rodas de conversa, esse nosso planejamento, ele sempre foi feito com o protagonismo juvenil [...] (MALAWI, Coordenador Institucional do Núcleo Afro Odomodê).

Ainda hoje, os planejamentos são realizados sem uma sistematização de conteúdos, gerando lacunas de “interação” entre a equipe e a coordenação corroborando para o também identificado “voluntarismo pedagógico” no momento dos planejamentos, quando os orientadores sociais por vezes estudam livros e conteúdos com temáticas afro fora do expediente e compartilham o conhecimento nos momentos formativos com os jovens, de forma voluntária e independente.

Assim, o orientador social acaba por “fazer o seu” individualmente, sem espaços formativos pensados para compartilhar suas aprendizagens. Tal prática prejudica o funcionamento do Núcleo, pois é contraditório incentivar uma ação coletiva de empoderamento negro e protagonismo juvenil às juventudes assistidas enquanto a equipe não é subsidiada para realizá-la.

Neste contexto, percebemos que o papel do educador no Núcleo se torna complexo, uma vez que, sem orientações institucionais, ele necessita compreender a construção da hierarquização entre os povos, assim como seus significados sociais e o impacto desses fatores nas instituições de ensino e nos agentes nelas inseridos. O orientador social precisa discutir e problematizar as relações étnico-raciais, trabalhar com a valorização da cultura negra e desconstruir a imagem estereotipada dos corpos negros, apresentando novos olhares sobre esse grupo, bem como sobre suas práticas culturais (GOMES, 2003).

Assim, o papel do integrante da equipe que acompanhará a atividade é o de mediação dos conteúdos ofertados, visando ofertar elementos, provocar as reflexões para as relações étnico-raciais, e não oferecer um modelo pronto do que “é ser negro e/ou negra no Brasil”.

Mesmo que seja fundamental uma sensibilidade para as relações étnico-raciais na continuação da política, é preciso considerar que o fato de possuir profissionais negros e negras ideologicamente preocupados com as questões étnico-raciais não é suficiente; é preciso que sejam pensados momentos formativos, por parte dos gestores e OSC's, para que haja formações adequadas

para a equipe. Ainda sobre a sistematização de conteúdos, a coordenadora Ruanda mesmo afirmando que o “[...] Odomodê possui um modelo educacional eficiente e de fácil reprodução [...]”, classificou como “fraca e falha” a formação ofertada para a equipe, afirmando que esta:

[...] funcionava de uma maneira muito ruim, eu não acreditava muito [...] quando eu cheguei lá, achei muito estranho, era toda a segunda-feira à tarde, e aí eles escolhiam um tema e debatiam entre eles, e eu falei assim, gente isso não é formação, isso é vivência e troca de saberes [...] a gente precisa que essas formações elas sejam um pouco mais profundas [...] (RUANDA, Coordenadora das Políticas de Juventudes da PMV).

Como nos foi demonstrado pela história das lutas antirracistas as subjetividades das pessoas negras são amplas demais para serem consideradas homogêneas o bastante para nortear, a comum acordo, conteúdos étnico-raciais. Tal fato origina, por diversas vezes, conflitos e tensões no interior da equipe do Núcleo, principalmente nos planejamentos, sobretudo quando profissionais negros e negras não possuem formações em movimentos negros e/ou para as relações étnico-raciais.

Assim, por mais que haja uma “consciência negra”, é preciso norteamento para as ações. Tal falta de sistematização compromete as perspectivas dos jovens que frequentam o Núcleo, alguns entrevistados afirmaram que a ausência de um plano de carreira e/ou projeto de vida incentivados pelo Núcleo corrobora para uma evasão rápida dos jovens que não permanecem por mais do que dois anos na política. Como nos afirmou o orientador social Gabão: “[...] Ali falta assim, um plano de carreira, o jovem entra e assim [...] as oficinas não tem uma continuidade para que quando ele saia ele tenha algo consolidado [...]” (GABÃO, Orientador social do Núcleo Afro Odomodê).

Tal fator ainda é acrescido da ausência de certificação para os jovens atendidos, palestrantes, parceiros e/ou oficinairos. O que mais se aproxima de uma continuidade no Núcleo são as oficinas, que, quando possuem conteúdos com muitos elementos, exigindo uma alta carga horária (acima de dez horas), são divididas em módulos (de quatro horas cada), como ocorre com a Oficina de Danças Urbanas.

Além disso, os jovens participantes disseram estar satisfeitos com os conteúdos e elementos aprendidos. Afinal, eles participam da escolha dos temas e das atividades. De acordo com a jovem Etiópia:

Eu acho que assim, as atividades são muito boas, tanto de qualidade quanto de importância [...] lá eles buscam fazer atividades que acrescentem em algo para a gente. Tanto para a gente quanto para as pessoas mais velhas [...] então eu acho que são coisas bem significativas, tem sempre alguma importância, sempre tem algum motivo não é nada aleatório. Então está sempre acrescentando a algo (ETIÓPIA, Jovem afro-brasileira do Núcleo Afro Odomodê).

Em contrapartida, alguns jovens que frequentam constantemente o Núcleo, como no “Espaço de Convivência”, ao serem questionados, não aparentaram compreender exatamente em que

A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO PARA EMPODERAMENTO DAS JUVENTUDES NO NÚCLEO AFRO ODOMODÊ

esta política se concentra. Pareceu-nos que os jovens adentram o Núcleo e as atividades sem compreenderem bem para que o equipamento serve ou compreendendo-o apenas como um equipamento público em que podem acessar a *internet* e socializar com outros jovens. Assim, estes vão se apropriando das discussões sobre o racismo estrutural e sobre como suas formas de ação atingem a vida das pessoas negras da periferia gradualmente.

Em uma avaliação feita pela equipe com as juventudes afro-brasileiras, os assistidos explanaram que as oficinas agregaram valores espirituais, identitários e profissionais, gerando a elevação da autoestima e o crescimento profissional através das atividades, elencando-as como fundamentais para manterem vínculos com o equipamento e para manterem seus interesses formativos.

Como afirmou a jovem Benin, em entrevista:

Eu acho que foi um aprendizado para todo mundo, né?! E o Odomodê ele começou com as oficinas *on-line*, essas oficinas foram ótimas, eu lembro, a oficina de cenografia foi perfeita, assim, para qualquer pessoa de qualquer área e fora as outras, os debates, nossa, muito importante, foi muito bom, muito acessível, a gente pôde estar em qualquer lugar, mas a gente também sabe que nem todo mundo tem acesso à *internet*, infelizmente, mas foi muito bom, consegui daqui de casa né?! [...] (BENIN, Jovem afro-brasileira do Núcleo Afro Odomodê).

Após o ano de 2021, o cenário se modificou, com as oficinas retornando ao modelo presencial com os cuidados de distanciamento social. Com o retorno dos jovens para o Odomodê, as observações foram mais produtivas, pois o acesso aos planejamentos, ao cotidiano dos jovens e aos relatos presenciais das juventudes foi facilitado, bem como os relatos feitos em formato de papel ao fim de cada atividade.

O Odomodê acredita que, a partir de uma grande gama de conteúdos afro ofertados, o ou a jovem se torna capaz de refletir sobre o que é ser negro(a) no Brasil e sobre as diversas formas de existir dentro desse cenário, adentrando, assim, um processo de se autoconhecer, de se autoidentificar e de refletir sobre suas relações de poder, agir, falar, produzir, comprar e estudar.

Principalmente, pois como nos afirma Silva (2014) as imagens divulgadas pela mídia não condizem com a realidade da população afro-brasileira e dificultam ainda mais seu processo identitário. Tal constatação corrobora para uma extensa propagação de elementos que fazem com que o grupo oprimido se identifique com as representações do opressor, mantendo as relações hierarquizadas, especialmente porque a eficácia do discurso ideológico é dada pela sua internalização (GONZALEZ, 2020, p. 34).

Frente a isto, é importante ressaltarmos que, nesse processo de opressão racial pelos corpos, há o silenciamento sistematizado dos grupos oprimidos, fortalecendo a hegemonia de um

discurso único (BERTH, 2019, p. 38), sendo necessárias pedagogias que envolvam a expressão e a denúncia.

Assim, o empoderamento negro, por possuir uma relação direta nas reflexões e mudanças corporais, nos seus usos e compreensões, estreita os efeitos da aderência de conhecimentos étnico-raciais com as mudanças estéticas das juventudes afro-brasileiras, corroborando para uma mudança comportamental. O ou a jovem modifica o seu agir, vestir, aprender e comprar, valorizando suas belezas e suas formas de criações culturais, aderindo a penteados, modificando estampas e questionando: “Por que eu não ‘posso’ usar meu cabelo crespo?”, “Por que o meu corpo não ‘pode’ existir sem ser erotizado?”. Como afirma a jovem Egito, o processo de empoderamento no Odomodê para ela foi um processo de descoberta.

Eu não vou mentir, eu me senti um pouco envergonhada, eu cheguei lá bem tímida e depois que eu passei por esse processo eu entendi que esse corpo, ele já foi acostumado a sentir essa repressão, a sentir medo, a sentir timidez, então eu aprendi a libertar esse corpo histórico, deixar ele ser livre sabe, usar roupas que valorizem também, aprender a amar todos os detalhes que eu tenho, sejam eles manchas, até curvaturas, então foi um processo muito interessante, eu descobri coisas de mim que eu não sabia [...](EGITO, Jovem afro-brasileira do Núcleo Afro Odomodê).

Assim, estar empoderado no Odomodê é primeiro conhecer o que é o racismo, entender as suas formas de atuação e compreender como ele reflete na vida cotidiana dos jovens para depois decidir as melhores estratégias para combatê-lo. Vale destacar que refletir, conhecer e agir se dão de forma coletiva no Núcleo. Ademais,

É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstruem e desconstruem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. Em outras palavras, se o empoderamento, no seu sentido mais genuíno, visa a estrada para a contraposição fortalecida ao sistema dominante, a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser (BERTH, 2019, p. 37).

Na opinião dos jovens, as pessoas que compõem o Odomodê (a equipe e os jovens) são fundamentais para as trocas de saberes e formações. De acordo com a jovem Etiópia, o Núcleo é composto por “[...] várias pessoas que formam um grande abraço [...]” (ETIÓPIA, Jovem afro-brasileira do Núcleo Afro Odomodê). Para a jovem Benin,

Eu acho que é um lugar legal para aprender várias coisas, de repente, se encontrar. Quem já sabe o que quer, como eu, eu fui já sabendo que eu queria, então [...] é melhor ainda, que já vai focado, assim não são só as oficinas, não é só o aprender sobre a cultura afro mas sobre a história, principalmente pela rede de contatos. A rede de contatos foi tudo para mim [...] conheci artistas, um monte de dançarinos [...] tem muita gente legal, [...] que faz arte [...] muita gente fod* mesmo. Então a gente acaba se empoderando vendo os outros [...] (BENIN, Jovem afro-brasileira do Núcleo Afro Odomodê).

A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO PARA EMPODERAMENTO DAS JUVENTUDES NO NÚCLEO AFRO ODOMODÊ

Este processo conjunto de empoderamento é fundamental pois visa, em sua essência, a uma transformação simultaneamente individual e coletiva, afinal:

Partimos de quem entende que os oprimidos devem empoderar-se entre si e o que muitos e muitas podem fazer para contribuir para isso é semear o terreno para tornar o empoderamento fértil, tendo consciência, desde já, que, ao fazê-lo, entramos no terreno do inimaginável: o empoderamento tem a contestação e o novo no seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro (BERTH, 2019, p. 91).

O empoderamento negro no Odomodê é o momento em que o jovem inicia sua transformação, escolhendo como irá desenvolver sua identidade étnico-racial, bem como a valorização dos corpos negros, suas formas de pensar e agir, além do seu estilo de vida.

Assim, pareceu-nos que o processo de empoderamento negro é processual no Odomodê, onde os e as jovens aprendem aos poucos, uns com os outros, o que é ser negro ou negra, valorizando suas belezas e compreendendo como o racismo funciona na vida das pessoas.

Desta forma, as juventudes afro-brasileiras, em um processo coletivo de busca pelas equidades raciais e imersas no processo de empoderamento negro, vão amadurecendo seus conhecimentos sobre as relações étnico-raciais no Brasil e desenvolvendo seus objetivos pessoais, gostos e opções profissionais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, é preciso afirmar as juventudes afro-brasileiras do Odomodê vêm se tornando cada vez mais ativas no processo de resistência dos corpos negros, esses e essas jovens têm desenvolvido reinvenções dessa afrocentricidade no seu cotidiano. Essa força mobilizadora pode se apresentar de forma mais organizada, como o Movimento Negro, ou de forma mais dinâmica, como se observa nas práticas da geração tombamento. Esses/as jovens através da sua visibilidade denunciam e repudiam qualquer ação racista, consolidando o caráter participativo nos processos de resistências (LEOPOLDO; CAMPOS, 2019).

Os e as jovens iniciam suas participações no Odomodê ora como se este fosse um projeto social com atividades de lazer e recreação na/para a comunidade, ora já encaminhados por amigos ou pessoas que conhecem a política. O plano de ação desenvolvido no Núcleo Afro Odomodê nos pareceu ser configurado pela imersão das juventudes afro-brasileiras nas três dimensões do processo de empoderamento negro.

Desta forma, as juventudes afro-brasileiras são imersas na dimensão cognitiva do processo de empoderamento negro, onde os corpos negros possuem uma série de ações contendo formações antirracistas. Nas oficinas de danças, capoeira e ações os e as jovens conhecem os

elementos de luta e sobrevivência dos diversos povos e ou comunidades negras da diáspora, em destaque as brasileiras. Aqui a ou o jovem aprende sobre como agir de forma efetiva, em busca de resultados coerentes e dignos para as populações negras de sua comunidade.

Nos pareceu que inicialmente o ou a jovem compreende que o racismo existe e após isto inicia-se a compreensão de onde e como o racismo se manifesta em sua própria vida e em seu cotidiano, incentivando o protagonismo para/com suas reivindicações.

Neste contexto, foi notada a importância da articulação entre o Núcleo Afro Odomodê e as organizações juvenis, do Hip Hop, comunitárias e negras que, a todo tempo, reivindicam pautas e políticas a favor das populações negras capixabas. Um fato existente é a de que alguns funcionários e jovens, ao longo dos anos constituíram grupos organizados, aumentando a disseminação dos conhecimentos do Odomodê para o Movimento organizado e vice-versa. O que nem sempre é acordado, gerando, às vezes, debates acalorados e novos direcionamentos para as reivindicações e pautas.

Quanto às ações, identificamos nas oficinas vinculadas à cultura corporal de movimento um importante espaço para a promoção da valorização dos corpos negros e desenvolvimento da autoestima, onde as juventudes afro-brasileiras se mostraram mais interessadas em descobrir novas estéticas, conhecimentos e movimentos culturais e políticos na afro-diáspora através do ensino das danças e das apresentações dos Saraus e Afromix. As juventudes afro-brasileiras incorporaram uma série de elementos através dos conhecimentos afros trazidos e das corporeidades discutidas.

Ademais, nos pareceu que as oficinas de danças, capoeira e eventos culturais eram planejados em conjunto com atividades que tematizavam as estéticas afros e/ou de valorização dos corpos negros e autoestima. Tal fato nos faz enfatizar a importância das atividades atreladas à cultura corporal de movimento nos planejamentos de políticas públicas educacionais para as equidades raciais.

Neste contexto, compreendemos que o processo de empoderamento negro trabalhado pelo Odomodê possibilita as juventudes afro-brasileiras a construir suas histórias tendo consciência da sociedade, bem como as estruturas e instituições políticas que as cercam. Tal fato corrobora para que as juventudes afro-brasileiras desenvolvam autonomia e articulação política necessária para seu segmento sociopolítico. Para tal, enfatizamos as colaborações da cultura corporal de movimento que se fez um importante espaço de intervenção, reflexão e de denúncia para as violências, resistências e re-existências das juventudes afro-brasileiras assistidas.

Desta forma, é possível afirmar que o Núcleo Afro Odomodê se faz fundamental no cenário capixaba, pois mesmo apresentando transpasses marcados por perdas de jovens para o crime organizado, existência de jovens mães e pais na adolescência e questões de abusos psicológicos e

A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO PARA EMPODERAMENTO DAS JUVENTUDES NO NÚCLEO AFRO ODOMODÊ

físicos, esta política é responsável por oferecer várias perspectivas aos jovens. Muitos dos entrevistados e participantes que atravessaram o processo da pesquisa foram atendidos pela política e hoje fazem parte do cenário econômico e cultural do município como servidores públicos efetivos da Prefeitura de Vitória, desempenhando papéis de professores, coordenadores, assistentes sociais, administração interna, também há costureiras, trancistas, barbeiros, músicos, rappers, modelistas, diretores e coordenadores de Escolas de Samba, produtores culturais, poetas, escritores, sociólogos, psicólogos, assistentes sociais, bibliotecários, coordenadores de projetos sociais, além de outras profissões.

O Odomodê parece ser o local onde o jovem inicia seus conhecimentos sobre o funcionamento das políticas públicas, pois começa a compreender como funciona uma Prefeitura e suas secretarias, bem como participa de suas ações, planejamentos e discussões principalmente, as dialogadas com as ações dos movimentos sociais e comunitários. Os jovens iniciam o processo de empoderamento negro atrelado ao dispositivo de re-existência, compreendendo assim, suas contribuições para a luta contra as desigualdades raciais.

REFERÊNCIAS

- ACHINTE, Adolfo Albán. *Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos*. In: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniais: practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. Tomo I. p. 443-468.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BETTI, Mauro. *Educação Física e Sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro*. In: CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia. **Educação Física e Ciências Humanas**. Hucitec: São Paulo, 2001.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). Pólen, 184 p, 2019.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992
- CERQUEIRA, Daniel; LIMA, Renato Sérgio; BUENO, Samira *et al.* **Atlas da violência 2021**. São Paulo: IPEA-FBSP, 2021.
- CORREIA, Walter Roberto. **Educação Física no Ensino Médio: questões impertinentes**. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2011.
- COSTA, Jurandir F. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro, Graal, 1984, p. 63-78. Saúde mental, produto da educação?

DAMICO, José Geraldo Soares. **Juventudes governadas: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França)**. 290f. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo [online]**. 2007, v. 12, n. 23 [Acesso 20 Dezembro 2021], pp. 100-122. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>. Epub 16 Maio 2008. ISSN 1980-542X.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: UFBA, 2008.

FORDE, Gustavo Henrique Araújo. “Vozes negras” na história da educação: racismo, educação e movimento negro no Espírito Santo (1978-2002). 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, [S. l.], v. 27, n. 1, 2011. DOI: 10.21573/vol27n12011.19971. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/19971> . Acesso em: 10 ago. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1>. Acesso em: 12 set. 2021

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LEOPOLDO, Caroline de Paula Martins; CAMPOS, Margareth Moreira. Enegrecer: uma análise sobre a construção da corporeidade nas juventudes negras. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 349-369, ago./dez. 2019 – ISSN 2674-9483. Acessado em 30 mar 2022. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/download/2498/1631>

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial y educacion anti-acista e intercultural em Brasil. In: WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniais: practicas nsurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. Tomo I. p. 245

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Gênero e Religião–no espaço da Produção do conhecimento. In: STRÖHER, Marga Janete. et al. Corporeidade, etnia e masculinidade. **Reflexões do I Congresso**

A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO PARA EMPODERAMENTO DAS JUVENTUDES NO NÚCLEO AFRO ODOMODÊ

Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal. 2005. p. 47-70. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8000/xmlui/bitstream/handle/BRSIFE/807/Corporeidade_Etnia_e%20_Masculinidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y#page=48. Acesso em: 19 out. 2020.

SILVA, Joyce Gonçalves da. **Corporeidade negra enquanto discurso: corpo e cabelo como signos de identidade.** Rio de Janeiro, p. 1-12, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Joyce_Goncalves_Restier_Da_Costa_Souza/publication/322536975_Corporeidade_Negra_enquanto_discurso_Corpo_e_cabelo_como_signos_de_identidade/links/5a5e9bf6aca272d4a3dfc8a8/CorporeidadeNegra-enquanto-discurso-Corpo-e-cabelo-como-signos-de-identidade.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

SOUZA, Patricio Pereira Alves de. Ensaio sobre a corporeidade: corpo e espaço como fundamentos da identidade. **Geografares**, Vitória, n. 7, p. 35-50, 2009. Disponível em: <http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/geografares/article/viewFile/149/75>. Acesso em: 15 nov. 2020.

STAUDT, Jeferson Luis; SILVA, André Luiz dos Santos; MAGALHÃES, Magna Lima. Apto aos trabalhos braçais, suscetíveis aos vícios morais: representações do homem negro na Revista Educação Física (1939-1944). **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 483-494, 2018. DOI: 10.22456/1982-8918.73848. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/73848>. Acesso em: 11 jul. 2022.

TAVARES, Julio. Dança de Guerra: arquivo e arma (elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira). **Nandyala**, Belo Horizonte, 2012

VITÓRIA. Secretaria Municipal de Assistência Social. Gerência de Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. **Projeto Básico/ Termo de referência: Inclusão Social da Juventude negra – ODOMODÊ.** Espírito Santo, 2007.

Notas

¹ Este trabalho é oriundo da dissertação de mestrado vinculada ao PPGEF/UFES. Tal pesquisa recebeu auxílio da agência de fomento da CAPES e teve contribuição da FAPES sob formato de uma visita técnica à Universidade do Minho.

² O Racismo Estrutural para Silvio Almeida (2018) é compreendido como resultado de um processo histórico e político, conseguido através de uma discriminação sistemática, ou seja, com a sistematização e institucionalização do racismo pela ordem social. Com as dimensões: institucional (jurídica e legislativa) e ideológica (coerção social), cada local possui sua especificidade, da dinâmica estrutural do racismo, ligada às peculiaridades de cada formação social.

³ Destacamos que a trajetória desta pesquisa entre os anos de 2020 à 2022 que sofreu inúmeras interferências das políticas de distanciamento social e limitações de atividades ocasionadas pela pandemia do coronavírus.